

MIÉCIO TÁTI

SOBRE "Orfeu da Conceição" tenho ouvido os mais desconhecidos comentários, que se resumem às incertezas de um "gostei e não gostei", à primeira vista paradoxal, mas que se explica.

Quando surge a favela estilizada de Oscar Niemeyer, a impressão de beleza se fixa, o espectador sofrerá os efeitos do impacto por um tempo que não se pode precisar quando termina, mas que afinal se esgota, como tudo, até que se compreenda que de uma esfarrapada e miserável favela carioca o que Oscar Niemeyer conseguiu transmitir foi tão somente a sensação poética da altura, da ascensão, da escalada do céu, num esquema romântico, de harmonia de linhas espantosa. Grande parte do início da peça beneficia-se da influência harmoniosa dessas linhas. Passado esse encantamento, sente-se falta de um pouco de lama e de zinco, e de

vida real, para quebra necessária do equilíbrio de tão rara geometria.

Antonio Carlos Jobim, com sua música, fez obra duradoura, e o violão de Luís Bonfá empresta a Orfeu, através da dublagem, uma técnica excelente e o melhor de sua voz. Porque Orfeu da Conceição é exímio violonista, compositor de inspiração, poeta de boas letras, mas cantor meramente afinado, o que, aliás, é verossímil, para o tipo que ele encarna. Mas será razoável para o público? Haroldo Costa canta várias vezes. Não tem voz. O resultado não é bom. Na verdade, tanto Orfeu, como todas as figuras da tragédia deveriam cantar, e cantar bem: a peça seria ópera, no gênero exatamente da famosa "Porgy and Bess" ou então de "Carmen Jones", se uma ou outra das duas, ou ambas, não tiveram influência, como sugestão, em Vinicius de Moraes. De maneira que a música, principal elemento da história de Orfeu, porque se confunde com ela, não deu de si tudo aquilo que podia: ficou sendo complemento, quando de fato ela era a essência.

Vem a dança, depois. Estou daqui sem saber se a responsabilidade do remendo equívoco de todo aquele baile do segundo ato cabe à coreógrafa Lina de Luca, à direção de Leo Jusi, ou ao próprio Vinicius de Moraes, na hipótese de ter encomendado mulheres quase nuas a fazerem bailados sem nenhuma ligação com as verdadeiras tradições dos "Majerais do Inferno", que afinal é uma Escola de Samba e não uma Escola de Ballet. O segundo ato, imaginado sobretudo para a dança, falhou redondamente, apesar da primorosa exibição dos três assistentes Roberto Rodrigues, Milton de Souza e César Romero.

Há um quarto elemento a somar a essas artes diversas (arquitetura do cenário, dança música) que ornamentam o espetáculo de Orfeu da Conceição: é a presença do clima da tragédia grega, válido por si mesmo como força poética, e de que

se acham impregnadas as figuras da tragédia carioca, cujo herói parodia, nobre e belamente, o destino do Orfeu, filho de Apolo, o mitológico. É claro que um poeta como Vinicius de Moraes, que escreve pedaços tão lindos como o monólogo de Orfeu do primeiro ato, ou a fala inicial do Corifeu, a que diz "São demais os perigos desta vida" só poderia tirar belos efeitos da roupagem helênica com que veste as atitudes de suas criaturas, muito embora a beleza desse efeito não resulte de virtude sua; mas das virtudes do processo, já bastante explorado aliás, e facilmente de usar.

O texto de Vinicius de Moraes é sobretudo poesia lírica. Sua peça é mais isto — poesia lírica —, do que teatro de tragédia propriamente. Era difícil combinar as intenções hieráticas do drama com a linguagem popular que a história reclamava. Mas o equilíbrio quase justo, o poeta conseguiu-o. Usou, mas não abusou, da gíria carioca, contrabalançada pelo tom de encantamento das falas, em estilo poético. Em algumas passagens é discutível a autenticidade de expressões que coloca na boca de seus tipos de morro. Mas não interessa esmiuçar esses matizes, porque o Orfeu de Vinicius é, como disse, sobretudo poesia, mais do que teatro. Nada tem de realista: é uma estilização. Nem a música, que é boa, é de morro; nem as letras dos sambas cantados, que são muito interessantes, são de morro; nem aquela tendinha de rameiras é tendinha de morro; nem no morro as mulheres rameiras são chamadas "rameiras", como as qualifica o poeta. Veja-se, apenas, poesia no "Orfeu da Conceição", que é poesia e muito boa.

Mas o elenco incumbido de dizer a poesia de Vinicius não o soube fazer, em geral, como devia. A destacar, como intérpretes dramáticos, além de Zeni Pereira (Clio, a mãe de Orfeu) só mesmo Léa Garcia (Mira de Tal), e talvez Haroldo Costa, que vai discretamente (grita mal o nome de Eurídice). Quero crer que uma excelente idéia — a desse "Orfeu da Conceição", tragédia carioca, não encontrou sua forma definitiva e absoluta, e falhou como teatro. Constitui, não obstante, espetáculo bonito, a que se assiste bem e a que se aplaude. Estou com aqueles que dizem, a respeito dessa obra: gostei e não gostei.